

Artigo de Opinião / Opinion Article

PROFISSIONALISMO – UM DESAFIO

Henrique Vilaça Ramos



Quando se fala de profissionalismo, pensa-se na capacidade de o profissional fazer bem feito o seu mister. Este fazer bem feito é geralmente visto como algo que não se liga ao carácter do indivíduo, mas antes à eficácia e à eficiência. Ora, o profissionalismo integra tudo isso e é ainda muito mais, liga-se à “qualidade” do profissional e não só ao acerto do resultado final da sua ação.

A qualidade profissional médica é uma noção que tem evoluído ao longo dos tempos. Bastará pensar que, nas eras mais recuadas, era competente o médico que obtinha dos deuses os favores da cura ou que a alcançava através de práticas de magia. Hoje, ela é muitas vezes entendida como correspondendo à competência do médico em termos de conhecimentos científicos e de aptidões técnicas, o que no caso da nossa especialidade corresponderia à capacidade de produzir os melhores diagnósticos e os gestos de intervenção mais perfeitos. Nos anos mais recentes, surgiu uma progressiva preocupação com outros aspetos da prática médica, geralmente considerados sob a designação de profissionalismo, que são tão necessários quanto aqueles. Uma prova disso é o número de *bits* que o assunto suscita no Google¹. Não quer isto dizer que tais aspetos fossem desconhecidos, mas devemos reconhecer que nem sempre foram salientados.

Com efeito, se o saber e a competência técnica são elementos essenciais para a boa prática médica e se integram, afinal, no âmbito do profissionalismo *lato sensu*, a qualidade do médico repousa também em outros elementos da maior importância que advêm da própria índole da sua profissão. A função do médico, não será preciso recordá-lo, consiste em estar ao serviço do doente, colocando o interesse deste antes dos seus próprios interesses. É este contrato social tácito que está implícito na relação do médico com os seus doentes e que encontra expressão no Juramento de Hipócrates e em muitas outras declarações de índole deontológica. Pode dizer-se, afinal, que o profissionalismo é, antes de mais, uma exigência da própria ética profissional. Todavia, as declarações éticas são usualmente formuladas em termos genéricos, pelo que não é despidendo analisar mais de perto a incidência do profissionalismo na prática médica. Sem a pretensão de enumerar todas as suas facetas, aponto várias das mais importantes, exemplificando, em cada uma, alguns dos aspetos que se integram no respetivo âmbito.

Competência: - exigência ética de qualquer profissão e que na radiologia engloba o conhecimento científico e a aptidão técnica

Altruísmo: - afinal na base do contrato social a que acima aludi.

Responsabilidade: - sendo o médico por isso confiável nas várias facetas da sua atividade.

Integridade: - prestando sempre homenagem à verdade e, por isso, assumindo os erros que porventura praticar.

Respeito: - pelo doente, quer no comportamento decoroso, quer no que se refere às suas convicções pessoais (morais, religiosas, etc.), quer à sua vontade (princípio ético de autonomia); mas também respeito por todos os outros com os quais se relaciona no exercício profissional (familiares, profissionais de saúde, etc.).

Confidencialidade: - com rigorosa observância das regras do sigilo médico.

Disponibilidade: - concedendo de bom grado o seu tempo ao doente

Boa comunicação: - tornando não só eficaz mas também amigável o relacionamento com o doente, a família e outros profissionais de saúde.

Humildade: - aceitando as críticas justas e revelando consciência de que não é perfeito, nem sabe tudo.

Justiça: - contribuindo para a boa equidade no uso dos escassos recursos postos à sua disposição.

Dir-se-á: mas isto é de todos conhecido! Ora, o ponto não é esse, o que interessa é saber a importância que damos a todos estes aspetos na nossa prática, pois a voga que o conceito de profissionalismo está a conhecer indicia uma situação em que eles são insuficientemente considerados. Pode encontrar-se uma demonstração disso mesmo no programa de formação do internato complementar de radiologia, meritório a vários títulos, embora a precisar de atualização, pois já dura há três lustros². Se excluirmos a referência a “*aspectos éticos e médico-legais na prática radiológica*”, pode dizer-se que o programa é inteiramente omissivo acerca destes assuntos, o que aliás se compreende atendendo à data da sua publicação. Mas até aquela simples referência é desprovida de significado neste contexto, pois se trata de um tema incluído nos “*objectivos de conhecimento*” e, portanto, de certo modo distante de uma prática concreta.

¹ Contam-se no Google 14.600.000 *bits* em *professionalism* e 498.000 *bits* em *radiology professionalism*

² Portaria n.º 241/99. DR 80/99 SÉRIE I-B de 1999-04-06

Nos EUA, o interesse acerca do profissionalismo na área médica levou à elaboração de um documento de relevo, *Medical Professionalism in the New Millennium: A Physicians' Charter*³, e por sua vez a Radiological Society of North America criou um órgão dedicado, o *Professionalism Committee*. Mais do que isso, o American Board of Radiology inclui o profissionalismo no currículo nuclear da especialidade, pelo que o assunto faz parte do seu *certifying exam*. Também na Inglaterra, o Royal College of Radiologists tinha já em 2004 produzido um importante documento, *Individual responsibilities – A guide to good medical practice for clinical radiologists*⁴, consagrado ao profissionalismo em radiologia.

É claro que, mesmo sem uma atenção especificamente dirigida a este tema, o sistema português tem permitido a formação de muitos radiologistas com elevados padrões de profissionalismo, mas o que se pretende é que todos alcancem esses níveis de prática profissional. A questão torna-se ainda mais aguda se o padrão de profissionalismo tiver vindo a degradar-se, a exemplo do que se regista em outras paragens. Num estudo feito à escala nacional nos EUA, embora não dirigido especificamente à profissão médica, verificou-se uma descida geral do padrão de profissionalismo nos últimos anos e, além disso, os empregadores afirmam que o grupo com maiores problemas é o dos profissionais jovens⁵.

Não conheço qualquer estudo semelhante entre nós e, ainda menos, dirigido a radiologistas. Porém, há fatores que podem estar a induzir algo semelhante no nosso meio. Refiro-me, é claro, à preocupação dominante de produtividade, tanto por parte do Estado, como da maioria dos outros empregadores, com grave detrimento do critério de qualidade dos resultados e ainda menor atenção ao profissionalismo. Mas também me inquieta algo particularmente ponderoso na nossa especialidade que é a mais tecnológica de todas as especialidades médicas. O peso da tecnologia e a diferenciação de tarefas entregam aos técnicos, numa elevada percentagem de exames, a obtenção das imagens, por vezes na ordem das centenas ou mais por exame, e ao radiologista a respetiva interpretação, com auxílio de sofisticados meios tecnológicos, num trabalho complexo, de grande responsabilidade e comprometedor da sua disponibilidade para contactar o doente que, geralmente, só se relacionou com o técnico. Não me parece, atendendo às circunstâncias a que acima aludi, que venha a verificar-se qualquer mudança radical neste cenário, o que pode levar a descurar o profissionalismo enquanto faceta fundamental da nossa prática, mesmo naquela em que não há contacto direto com o doente. Ora, se pretendermos dar relevo ao profissionalismo, há que incorporá-lo em todos os níveis, desde a formação pré-graduada à formação profissional pós-

graduada e ao exercício profissional ulterior e também, ultrapassando a perspetiva individual, estendê-lo às unidades de radiologia.

Há quem entenda que o profissionalismo tem a ver com qualidades de carácter que não podem ser ensinadas, mas tal posição está errada⁶ e desvaloriza, afinal, todo o valor da educação. Mas é uma importante questão saber se é possível integrar na formação profissional do radiologista esta necessária faceta do que deve ser o seu desempenho e também importa apurar se será exequível medir o profissionalismo. É certo que não é fácil estabelecer processos formativos, o que explica o facto de não haver consenso sobre a natureza, o detalhe, a profundidade e a sequência dos elementos curriculares a integrar no programa de formação, nem a nível pré-graduado⁷, nem de pós-graduação, e é também difícil avaliar o grau de profissionalismo do médico radiologista. Contudo, reconhecer as dificuldades não deve constituir argumento para que nada se faça.

É sabido que um dos mais eficazes meios de formação é o dos modelos de comportamento. Trabalhar ao lado de radiologistas com elevado padrão de profissionalismo constitui, de facto, um poderoso ambiente de aprendizagem da boa maneira de exercer a profissão. Há muitos outros meios de formação (fontes bibliográficas convencionais e de *e-learning*, *refresher courses* da RSNA, etc.) a que todos podemos recorrer. Na progressão da carreira importará introduzir o profissionalismo na gama de critérios de avaliação. E, do mesmo modo, quando em Portugal se adotar o princípio da recertificação, isto é, de que para o exercício profissional médico não basta o título obtido no momento inicial da carreira, mas se torna necessária uma avaliação periódica, por exemplo quinquenal, será desejável considerar também este critério.

Todavia, a promoção do profissionalismo não se esgota neste plano individual, pois convém que também dentro dos serviços se lhe dê o devido relevo, aliás na esteira da experiência alheia⁸.

Alcançar um nível cada vez mais alto de profissionalismo é um desafio colocado a todos os radiologistas, em geral, e aos que têm o encargo de formação uma responsabilidade particular. Todos nos devemos sentir convocados a ser, cada vez mais, profissionais completos, em competência e em todos os outros atributos que fazem da prática profissional um correto exercício da relação médico-doente e da relação médico-sociedade.

³ The Medical Professionalism Project, *Radiology*, 2006, 238 (2): 383–386

⁴ acessado em www.rcr.ac.uk/publications.aspx?PageID=310&PublicationID=193

⁵ Polk-Lepson Research Group, *2013 Professionalism In The Workplace*, Center for Professional Excellence, York College of Pennsylvania, acessado em www.ycp.edu/offices-and-services/academic-services/center-for-professional-excellence/2013-professionalism-study/

⁶ Hochberg MS et al. *Can professionalism be taught? Encouraging evidence*, *Am J Surg*, 2010 199(1):86-93.

⁷ Birden H et al, *Teaching professionalism in medical education: a best evidence medical evaluation (BEME) systematic review. BEME Guide n°25*, *Medical Teacher*, 2013, 35: e1252-e1266, acessado em <http://informahealthcare.com/doi/pdf/10.3109/0142159X.2013.789132>

⁸ Donnelly LF e Strife JL, *Establishing a program to promote professionalism and effective communication in Radiology*, *Radiology*, 2006, 238, (3):773–779